

“Não me esqueças” é o projecto levado a cabo pela artista Margarida Andrade

“Este projecto acaba por tentar propor os espaços florestais dos Açores como locais de igual relevância cultural no contexto artístico nacional”

POR ANA CATARINA ROSA

A preocupação envolta às alterações climáticas têm ganho cada vez mais importância no quotidiano das pessoas, sendo inúmeras as ações e iniciativas direccionadas para esta temática. Exemplo disto, é o projecto “Não me esqueças”, levado a cabo pelo artista Margarida Andrade. O Jardim José do Canto é palco, amanhã, da primeira de três, caminhadas de reflexão comunitária que tem como objectivo a análise do impacto para a perda de espécies invasoras e endémicas para o ecossistema dos Açores.

O Diário dos Açores esteve à conversa com Margarida, para perceber um pouco mais sobre este projecto e decifrar se, mais iniciativas como esta, fazem parte de um futuro próximo.

Fale-nos um pouco sobre si.

Sou natural de Ponta Delgada e vivi nesta cidade até aos meus 18 anos, altura em que me mudei para Lisboa para estudar na Faculdade de Belas-Artes. Entretanto andei pelo Reino Unido (Cardiff) e por Espanha (Barcelona), onde concluí o meu mestrado em Educação Artística. Em Dezembro de 2020 decidi regressar a São Miguel.

Ao longo do meu percurso académico fui aprofundando a minha consciência ambiental, procurando conhecer mais sobre a relação entre os humanos e outras espécies e o impacto dos primeiros no agravamento da crise climática actual. Eu própria fui procurando alterar os meus hábitos, adoptando práticas ambientalmente mais sustentáveis e utilizando os meus projectos artísticos como um meio para explorar estas mudanças.

Actualmente, posso dizer que o meu trabalho artístico procura assumir uma faceta auto-crítica nesta busca por práticas mais sustentáveis. Ou seja, no processo de criação e na partilha do trabalho ao público, vou tentando relatar as contradições inerentes a esta procura no contexto social no qual vivemos, de grande consumismo e individualismo.

Como surgiu o conceito para criar esta iniciativa intitulada “Não me esqueças”?

O projecto “não me esqueças”, de onde se insere a #1 Caminhada de reflexão comunitária de que aqui falaremos, procura abordar, entre outros temas, a migração forçada de espécies e o seu impacto na perda da biodiversidade. Para isso, comecei a estudar mais sobre espécies invasoras e endémicas, na sequência, aliás, do trabalho realizado para a minha mais recente exposição individual “um herbário de plantas por nascer” em Fevereiro de 2023 na Galeria Fonseca Macedo. Esta investigação levou-me a uma espécie endémica dos Açores, cujo nome comum é “não me esqueças”. Achei que este nome faria todo o sentido para este projecto, uma vez que ele pretende reflectir sobre a ideia de luto aplicado à extinção das espécies e à transformação da biodiversidade.

Ao longo de cada caminhada, pretendo trazer à discussão a questão do vínculo

lo, e falta dele, entre humanos e outras espécies. Falar sobre as vidas das espécies desconhecidas, rejeitadas ou esquecidas e lembrá-las. Propor uma perspectiva de luto e de gestão de emoções menos focada nos humanos e mais interespecie. Esta proposta roubei-a à Donna Haraway, uma filósofa norte-americana, que reflecte sobre a barata, o pombo, algumas espécies invasoras e, até, os vírus como elementos de relevância no Planeta, mas rejeitados pelos seres humanos pela sua suposta inconveniência.

Amanhã será realizada a primeira de três caminhadas de reflexão comunitária em 2024, ocorrendo a mesma no Jardim José do Canto nas Furnas. Contudo, em 2025, as mesmas expandem-se e para além de São Miguel, realizam-se também nas ilhas de Santa Maria e Terceira. O que espera poder alcançar com este projecto?

O projecto consiste na realização de 6 caminhadas públicas de reflexão comunitária, abertas a todas as pessoas, independentemente da sua idade ou área de especialização. Estão previstas três caminhadas em 2024 e três em 2025, a primeira já neste Domingo, 2 de Junho na Mata/Jardim José do Canto. São todas totalmente gratuitas e com transporte incluído. No final de cada caminhada, faremos um funeral às plantas esquecidas a partir de peças em cerâmica criadas por mim. Estas cerâmicas ficarão nos locais de cada caminhada indeterminadamente, até serem engolidas pela vegetação.

O projecto conta com a parceria da SPEA e com o apoio à divulgação da Associação dos Amigos dos Açores.

A decisão de organizar 6 caminhadas abertas a toda a gente surge da minha vontade de apresentar uma nova forma de propor criação artística em prol do desenvolvimento comunitário num contexto não convencional para os parâmetros do mundo artístico nacional. Como disse, tenho vindo a trabalhar sobre as relações entre humanos e plantas e, neste momento, não faria sentido fazê-lo, exclusivamente, entre quatro paredes. Assim, este projecto acaba por tentar propor os espaços florestais dos Açores como locais de igual relevância cultural no contexto artístico nacional. E parece que esta proposta foi aceite, uma vez que consegui o apoio da República Portuguesa - Cultura/Direcção Geral das Artes e do Programa PARES da Associação Anda&Fala.

Cada caminhada pretende ser um espaço de diálogo em movimento que sugere pesquisas e experimentações novas a partir de problemáticas actuais. O projecto ganha a liberdade de se desdobrar por múltiplas áreas que serão abordadas consoante o tipo de partilhas que forem surgindo. Isto, porque, nas caminhadas, pretende-se que os conteúdos a discutir sejam, também, propostos pelos participantes.

A proposta de realizar duas das caminhadas em outras ilhas, Santa Maria e Terceira, prende-se com a minha vontade de alcançar outras pessoas e outros locais, outras espécies. A minha ambição é criar

Foto: Eduardo Resendes



um mapa-arquivo das 9 ilhas dos Açores com as cerâmicas que vou deixando em cada local.

É licenciada em Belas-Artes e mestre em Artes Visuais e Educação. A sua formação teve consequência directa para abraçar este projecto?

Quem não está tão por dentro do mundo da arte contemporânea deve achar estranho uma artista, licenciada em Pintura, a organizar caminhadas públicas em espaços florestais com funerais a partir de cerâmicas no final. A verdade é que na Faculdade de Belas-Artes aprendemos que a criação artística pode ser vista como um recurso, uma metodologia através da qual podemos questionar problemáticas de relevância societal. A criação artística tem muito de filosofia, no sentido em que procura fazer muitas questões, sem esperar por respostas.

Neste sentido, a minha formação ajudou-me a chegar a este ponto. Este projecto acaba por dar a conhecer este processo experimental da criação artística, a pesquisa, que, muitas vezes, fica nos bastidores das galerias e salas de exposição.

O que as pessoas que participarão nesta caminhada de reflexão comunitária podem esperar desta iniciativa?

Podem esperar encontrar um espaço seguro para partilha de angústias, medos, desejos e eco-ansiedades relacionados com a crise climática actual. Eu pretendo partilhar algumas experiências pessoais sobre as minhas constantes tentativas falhadas de adoptar práticas ambientalmente sustentáveis; práticas estas, muitas vezes, repletas de hipocrisias, não fosse eu uma cidadã a viver nesta sociedade consumista, da qual, muitas vezes, não consigo, nem quero, escapar. Gostava que outras pessoas fizessem o mesmo.

Penso que estas partilhas poderão ajudar a gerir melhor a situação actual e a lidar com o problema, enfrentando-o para conseguir conviver com ele.

Actualmente, as alterações climáticas têm sido uma temática cada vez mais frequente na preocupação das populações e as constantes alterações têm contribuído para o desaparecimento de muitas espécies endémicas e invasoras nos Açores. O que nós, enquan-

to intervenientes, podemos fazer para converter esta eventualidade?

Felizmente, há muitas iniciativas a acontecer que procuram assegurar o restauro de vários habitats. A SPEA, entre outras coisas igualmente relevantes, está a fazer um trabalho imprescindível nos Açores neste sentido.

No que toca aos processos científicos de salvaguarda das espécies endémicas no contexto regional, eu não sou a melhor pessoa para falar. Abordo o tema do ponto de vista artístico, pelo que não detenho os conhecimentos necessários para identificar os passos a tomar neste sentido. Contudo, do ponto de vista pessoal, enquanto cidadã e consumidora, procuro minimizar a minha pegada ecológica ao não consumir carne, ao optar pela bicicleta, em detrimento do carro, ao comprar pouca roupa e roupa em segunda mão, ao consumir produtos locais e da época, entre outras coisas. A questão do carro é algo que me chateia, particularmente. Somos demasiado dependentes dele. Principalmente aqui nos Açores. É algo que deve ser repensado urgentemente. Custa-me ver que havia, ou há, pessoas resistentes às alterações na baixa de Ponta Delgada, por exemplo. Devolver a cidade às pessoas, retirando a circulação dos carros, é essencial. Isto e a carne. Penso que todos nós devemos tentar reduzir o seu consumo. Não há recursos suficientes para as quantidades astronómicas de carne que consumimos hoje em dia.

Estes são exemplos, do quão desligados os seres humanos estão das outras espécies, não digo da Natureza, porque, quer queiramos, quer não, somos parte dela. O projecto “não me esqueças” pretende, precisamente, chamar a atenção para isto.

Num futuro próximo existem novos projectos dentro desta mesma linha?

Muito provavelmente. Acho que já me rendi ao facto de que trabalharei sobre estes temas durante largos e longos anos. Enquanto artista, o meu trabalho é, também, o reflexo da minha vida, das minhas angústias, reflexões e desejos. Como lido com estes temas no meu dia-a-dia, eles seguramente continuarão a acompanhar-me nos meus projectos artísticos.

*jornal@diariodosacores.pt